

ASPECTOS DA FORMAÇÃO E SENTIDO DO BRASIL SEGUNDO O OLHAR DE DARCY RIBEIRO

Neusa Vaz e Silva¹

Darcy Ribeiro (1922-1997), antropólogo, educador, ensaísta, romancista e político brasileiro, foi, sem dúvida, um dos melhores intérpretes do Brasil. O conjunto de sua obra é um hino de amor ao Brasil, analisado na sua diversidade étnica, formação cultural, situação política. Sua obra é um brado contra a globalização, contra a crença de que a história do mundo estivesse sendo feita por um processo de homogeneização cultural e de destruição de etnias e nações. Seus estudos antropológicos se fundam na realidade da nossa América Latina.

Nosso autor assinala que assim como as ciências são passíveis de evolução biológica, assim também as ciências da sociedade e da cultura não podem prescindir desse esquema teórico que possibilita à história ser inteligível.

Em virtude das considerações apresentadas, propomo-nos a lançar um olhar panorâmico, dado os limites de um artigo, sobre a constituição do Brasil, segundo a leitura de Darcy Ribeiro.

O Brasil foi gestado como povo a partir da violência que resultou no cruzamento do invasor português com os povos denominados índios² e com povos africanos aliciados mais tarde como escravos.

Sob o domínio dos portugueses, matrizes raciais e tradições culturais distintas se enfrentam e se fundem dando origem a um novo povo, a uma nova estrutura social. Povo novo porque surge como uma etnia nacional diferenciada culturalmente de suas matrizes formadoras,

¹ Doutoranda em Filosofia Ibero-Americana na Universidad Centroamericana/UCA/El Salvador/C.A.

² A denominação índio é inadequada aos povos primitivos da América. Essa denominação generalizada se consolidou porque de os colonizadores e missionários os trataram como se todos fizessem parte de um único povo.

mestiçada fortemente; singular, pela redefinição de traços culturais, vindo a se constituir em um gênero humano diferente. Um povo que inaugura uma forma ímpar de organização socioeconômica, fundada num tipo de escravismo renovado e, segundo nosso autor, numa servidão continuada no mercado mundial. Mas novo também pela alegria e pela imensa vontade de felicidade. No entanto, ao mesmo tempo, um povo velho, porque se viabiliza como um proletariado externo implantado pela expansão européia. Um povo velho ainda, porque não existe por si mesmo, mas para gerar lucros exportáveis, mantendo em grande medida a função de provedor colonial de bens para o mercado mundial por meio do desgaste de sua população e de seu ambiente natural.

A sociedade e a cultura brasileira são o resultado da versão lusitana da tradição civilizatória européia ocidental, diferenciada por coloridos herdados dos índios e dos negros com marcantes características próprias, mantendo, no entanto, fortes marcas da matriz portuguesa.

Para tentar entender a formação do povo brasileiro necessita-se voltar o olhar sobre a nossa história, buscando desvelar os caminhos que percorreram nossos ancestrais índios, portugueses e negros, etnias básicas de nossa formação étnica e cultural.

1. A matriz indígena

Uma das matrizes étnicas do povo brasileiro é a indígena. Os índios brasileiros eram, na maioria, nômades e, na busca de nichos ecológicos favoráveis, migravam constantemente.

À beira mar dominavam os povos do tronco lingüístico Tupi, que se expandiam até a Amazônia. Embora divididos em distintas nações, falavam línguas do mesmo tronco. Suas tribos atingiam, no máximo, três mil pessoas e na medida em que cresciam, seus núcleos populacionais bipartiam-se, formando um novo povo. Acredita-se que, se esses povos tivessem usufruído alguns séculos mais de liberdade e autonomia, possivelmente viessem a uniformizar-se culturalmente, vindo a formar uma nação poderosa.

No sul e centro brasileiro viviam os povos do tronco lingüístico Macro-Jê, igualmente divididos em várias nações cada uma com sua linguagem própria. Afora esses dois grandes

grupos existiam e ainda resistem, povos de línguas agrupadas apenas em famílias, bem como povos de línguas isoladas, muitas delas ainda desconhecidas.

A invasão portuguesa, porém, veio mudar radicalmente seus destinos, pois afora a agressividade com que os trataram, as guerras de extermínio, o desgaste no trabalho escravo, contaminaram-lhes com moléstias que os debilitaram, levando-os quase à extinção.

O conflito com o europeu se estabeleceu em todos os níveis. O mais grave foi, sem dúvida as pestes que os “brancos” traziam em seu corpo. No entanto, outros fatores como o ecológico na disputa das riquezas naturais e o fator econômico e social mediante a escravidão foram causas da dizimação quase que total da população nativa no Brasil.³

No plano étnico-cultural, essa transfiguração se deu pela gestação de uma nova etnia, que unificou a língua, os costumes, desengajando os índios de seu viver. Mais tarde, os povos de etnia negra, trazidos da África para o trabalho escravo, junto com os portugueses que aqui viviam fizeram surgir o brasileiro à medida que as matrizes étnicas se desfaziam.

Darcy Ribeiro, ao longo de sua vasta obra, declara o quão difícil é reconstruir esse processo e entendê-lo em toda sua complexidade, uma vez que só dispomos do testemunho de um dos protagonistas, o invasor. É o português que fala relatando o que sucedeu com os índios e com os negros, não dando aos dominados a palavra de registro de suas falas próprias. Daí ser necessário lermos de uma forma crítica a versão do dominador para se tentar alcançar e abarcar a compreensão dessa aventura desventurada, no dizer de Darcy.

Os grupos indígenas litorâneos, à época da invasão dos portugueses, somavam segundo dados, um milhão de pessoas, divididos em aldeias com trezentos a dois mil habitantes. No total, acredita-se que cerca de cinco milhões de pessoas habitavam o Brasil na época da invasão portuguesa.

³ Na região que hoje é o Brasil dados do CIMI dão conta de que havia mais de mil nações.

Dentre todos os povos autóctones, dispomos de um número mais expressivo de estudos do povo do grupo Tupi. Segundo esses estudos esse povo dava os primeiros passos em sua evolução cultural já tendo superado a fase paleolítica, na época da conquista. Já havia domesticado muitas plantas, especialmente a mandioca, alimento até hoje apreciado em toda a América e base da alimentação no Nordeste brasileiro. Também o milho, a batata doce, o cará, o feijão, o amendoim, o tabaco, a abóbora, o algodão, as pimentas, o abacaxi, o mamão, a erva-mate, o guaraná só para enumerar algumas. Também árvores frutíferas, como o caju, a manga, entre outras apreciadas frutas tropicais, eram conhecidas e cultivadas.

O fato de os povos indígenas organizarem-se de forma tribal, ou seja, entidades autônomas, deve ter sido o fator que impediu que se unissem contra os invasores, o que facilitou a sua quase completa destruição pelos brancos.

O colonizador português contava também com a coordenação da Igreja Católica com seu poderoso Santo Ofício, ativada por uma missão missionária que tinha o poder de ouvir denúncias e calúnias; julgar, condenar, encarcerar e até queimar vivos os mais ousados.⁴ A Santa Sé era, na época, o centro de legitimação e de sacralização de todo empreendimento mundial e centro da fé, regida por um clero numeroso e bem-aparelhado.

A ciência nascente foi utilizada para buscar estruturar o mundo num só, regido pela Europa, com o fim de carrear para lá toda a riqueza e a capacidade de produção dos povos dominados. No entanto, justificavam sua dominação ao cumprimento da tarefa divina do homem branco que era a de juntar todos os homens numa única cristandade, o que é comprovado pela bula papal “Inter Coetera” de 4.5.1493, na qual afirma que o Novo Mundo era legitimamente possuível por Espanha e Portugal, e seus povos também escravizáveis por quem os subjugasse.

Na verdade, o reflexo desses documentos papais vige até hoje, de certo modo, pois os grandes latifúndios no Brasil são originados dessas bulas, o que gera a grandes parcelas da população uma situação de mera força de trabalho, sem destino próprio,⁵ bem como a política

⁴ A esse respeito ver Darcy Ribeiro: *O Povo Brasileiro*, p 38.

⁵ O MST é uma reação a essa realidade histórica brasileira.

hipócrita de doação de pequenos territórios às remanescentes nações indígenas que sobrevivem, miseravelmente, cercadas e ameaçadas pela população brasileira.

Junto com os recursos naturais, a mercadoria inicialmente comercializada pelos portugueses foi à população nativa. Indígenas foram aprisionados, feitos escravos, violentados, exportados em massa para os mercados escravagistas europeus. Processo que se prolongou ao longo dos primeiros séculos de conquista.

Com a destruição das bases da vida social indígena, a negação de todos os seus valores, o cativo, muitos deles se deixavam morrer. Morriam de tristeza, certos de que o futuro seria a negação do passado, uma vida indigna de ser vivida. O mais grave é que os missionários lhes inculcavam a idéia de que essa situação era gerada por seus próprios “pecados”. A cultura cristã trouxe a dualidade ocidental escolástica. O bem e o mal, a virtude e o pecado, o valor e a covardia, tudo se confundia na mente de um povo atônito e ameaçado. A cristandade trazida pelo branco se mostrava ao índio como o mundo do pecado, das enfermidades. Suas concepções opostas de mundo, de vida, da morte, do amor, se chocaram, matando-os mesmo em vida.

É difícil para nós, intelectualmente, repensar o desencanto que se deu entre essas culturas e o seu real significado. Os povos originários vivendo singelamente em um mundo dadivoso, sem culpas. Os recém-chegados eram gente prática, sofrida, ciente de suas culpas e pecados, predispostos à virtude com a noção de perdição eterna. Os indígenas nada sabiam disso. Aos olhos europeus eram povos vadios, vivendo uma vida inútil, já que nada produziam. O europeu, a essa época, via a vida como uma tarefa, uma obrigação sofrida e subordinada ao lucro e ao domínio de terras e de suas gentes. E, dessa forma, impondo uma cultura pela força, o Brasil foi se “uniformizando”.

Um século após a invasão destas terras pelos europeus, no lugar das povoações litorâneas que os cronistas contemplavam maravilhados, surgiram três tipos novos de povoações: a principal formada pelos engenhos de açúcar e portos onde se concentravam os povos africanos. Outro, disperso pelos vilarejos formados por brancos pobres e mamelucos⁶. E o último núcleo

⁶ Filhos de portugueses e índias.

constituído pelos índios incorporados à empresa colonial como escravos ou concentrados nas aldeias, alguns ainda mantendo autonomia, enquanto que outros eram regidos pelos missionários.

Mais tarde, com a clara possibilidade de extinção dos nativos, eles passaram a ser considerados pelos missionários como criaturas de Deus, com direito a sobreviver se abandonassem suas “heresias” para se incorporarem ao povo cristão. Foram reunidos nas chamadas “missões”, na qualidade de operários da empresa colonial da Igreja.

A coroa portuguesa, embora formalmente apoiasse os missionários, que, de certa forma, protegiam os nativos, continuou defendendo a “guerra justa” contra os “rebeldes e hostis”, ignorando a escravidão que continuou contra esses povos, pois o que realmente importava era o lucro. Em consequência, porque nem todos os colonos tinham recursos para comprar negros africanos para o trabalho nas lavouras e nas minas, buscavam o nativo, pois um índio valia a quinta parte de um negro. Dessa forma, a mão-de-obra indígena continuou sendo usada. Os homens como lenhadores, remadores, caçadores, pescadores, guias, artesãos. As mulheres como objeto sexual.

É importante sinalizar o papel, embora involuntário, que a mulher índia desempenhou como geratriz da etnia brasileira. Exploradas sexualmente, geraram toda uma prole mestiça que viria a ser mais tarde a maioria da gente da terra, os brasilíndios,⁷ no dizer de nosso autor.

Dois séculos se passaram. Por esse tempo, as ordens religiosas que, a princípio, desempenharam o papel de “amansadores” de índios para a escravidão, começam a tomar consciência da brutalidade de seu papel e por em prática no Brasil a experiência paraguaia de reunir os índios destribalizados, não obtendo, no entanto, o sucesso conseguido na colônia espanhola. Isso se deu por causa da resistência dos colonos e pelas enfermidades que os próprios missionários transmitiram à população nativa.

⁷ Denominação usada por Darcy Ribeiro para os filhos de portugueses e índias, chamados mamelucos pelos jesuítas espanhóis.

Darcy Ribeiro, em suas obras, mostra o quão nefasto foi o papel dos jesuítas, pois retiravam os índios de suas aldeias para concentrá-los nas reduções, onde, além de servirem aos padres e não a si mesmos, morriam nas guerras dos portugueses contra os índios hostis. Matá-los não era seu propósito, mas diante da política e das condições reais foi o que acabou sucedendo. O mais grave porém, era a ambigüidade do papel que desempenhavam em uma dupla lealdade, diante dos índios e à Coroa portuguesa.

No segundo século, a situação tendia a inverter-se com alguns novos jesuítas já conscientes do triste papel que haviam desempenhado, caindo em si. Foram, por isso, perseguidos pelos colonos e, finalmente, expulsos do país pela nova política implantada em Portugal. E então o mais lamentável, os padres entregaram as missões, suas terras e sua população aos colonos ricos antes de serem presos e deportados para a Europa.

Em verdade, as missões exerciam uma forma de cativeiro, pois, embora o índio não tivesse o estatuto de escravo ou de servo, era um catecúmeno, ou seja, um herege que era sendo cristianizado e assim recuperado para si mesmo em benefício da salvação eterna. Além da fragilização pessoal, que resultava da imposição de uma nova identidade, deviam trabalhar para seu sustento e para fazer próspera a comunidade de que passavam a fazer parte. Podiam ser recrutados para a guerra contra qualquer força que ameaçasse a colônia. Eram suscetíveis, ainda, de serem mandados às vilas para trabalhos de interesse público, como construção de igrejas, fortalezas, urbanização de cidades, abertura de estradas ou até mesmo podiam ser arrendados a colonos. Entretanto, com a expulsão dos jesuítas, sua situação ainda se tornou mais penosa, pois os seus novos administradores fizeram do comércio de índios já aldeados, um alto negócio. O desgaste humano do trabalho cativo constituiu uma outra forma terrível de genocídio imposta a mais de um milhão de seres humanos.

Com a alternância de poder em Portugal, mais tarde os jesuítas regressaram e, junto com outras ordens religiosas como os franciscanos, os carmelitas, os inacianos continuaram a apresentar uma “vida nova”, triste vida para este povo que pautava seu viver por outros valores.

À medida que outros povos europeus, representados por invasores, comerciantes, aventureiros desembarcavam em nosso litoral e miscigenando-se com nossos índios, etnias híbridas surgiam em um processo que Darcy Ribeiro denomina de “criatório de gente”.

A imposição da língua do dominador foi o principal fator de homogeneização da cultura brasileira. A língua tupi permaneceu por séculos como língua-geral entre os mestiços, mas aos poucos o português foi sendo imposto, pois os escravos africanos nos engenhos nordestinos e os mestiços eram compelidos a adotar a fala do capataz, fator que contribuiu na consolidação da língua portuguesa no Brasil. Mais tarde, o mesmo processo lingüístico foi imposto aos escravos africanos na região mineira, centro do país. No entanto, muitas variantes lingüísticas permaneceram. Na região amazônica, por exemplo, o caboclo adaptado à vida nas florestas é o que guarda mais a herança indígena original.

Em meados do século XVII, a escravidão negra sobrepujou à indígena. O trabalho do índio, todavia, era necessário para ofícios artesanais, como carpintaria, marcenaria, serralharia, olaria, tipografias, artes plásticas, música e literatura. Por isso, continuavam sendo presas dos portugueses que os aprisionavam e os vendiam em leilões, muitas vezes para custear obras públicas. Dessa forma, milhares de índios foram incorporados à sociedade colonial para servirem como bestas de carga a quem deles se apropriava. E, como eram mais baratos que o escravo importado, passaram a ser os escravos dos portugueses pobres.

Na estrutura social que se formava, os brasilíndios eram discriminados como uma classe inferior. Os pais com quem queriam identificar-se os viam como impuros filhos da terra, exploravam seu trabalho enquanto meninos, e depois os integravam a suas expedições de caçadores de gentes, os chamados bandeirantes que se embrenhavam pelas florestas no aprisionamento de seu gentio materno. Esta mestiçagem multiplicou-se enormemente, tendo um papel fundamental na constituição territorial do Brasil, pois a eles se deve o desbravamento das regiões mais inóspitas do país. Fazer-se agente principal da história brasileira, no entanto, foi uma dura tarefa enfrentada pelos mamelucos. Enfrentavam não só a má vontade dos portugueses reinóis como a odiosidade dos jesuítas.

Se os tupis eram dóceis e submeteram-se em parte à escravidão, o mesmo não ocorreu com outras nações do interior que até os dias atuais mantêm-se isoladas dos brasileiros. Entrar nas matas para aprisioná-los passou a ser um trabalho no qual os mestiços eram utilizados.

Poder-se-ia imaginar que nos dias atuais, especialmente favorecido pelos modernos meios de comunicação, pelos serviços de proteção ao índio mantido pelos governos, esses povos houvessem se integrado ao povo brasileiro. Mas não é essa a situação. Pesquisas realizadas por Darcy Ribeiro dão conta de que o alto grau de resistência das etnias tribais permanece na atualidade. Inúteis foram as ameaças como forma de pressões integradoras desenvolvidas por missionários assim como pelos atuais órgãos oficiais de “assistência” ao índio.

A incorporação de indígenas à população brasileira só se fez no plano biológico no processo já referido de gestação dos mamelucos, filhos do dominador com mulheres desgarradas de suas tribos. Índios e brasileiros se opõem etnicamente em um conflito que não dará lugar a uma fusão. Onde quer que um grupo tribal tenha oportunidade, conserva a continuidade da própria tradição, preservando sua identificação étnica. O inevitável convívio aculturativo, porém torna os índios menos índios no plano cultural, deixando alguns grupos quase idênticos aos brasileiros, embora permaneçam identificando-se com sua etnia tribal.

Supunha-se que haveria um trânsito da condição de índio a de brasileiro. Mas isso não ocorreu, e eles continuam investidos de seus atributos, vivendo segundo os seus costumes, cada vez mais aculturados, mas sempre índios em sua identificação étnica, pois o índio, tal como o cigano e o judeu, são irredutíveis em sua identificação. Quanto mais perseguidos mais se afundam dentro de si mesmos.

Darcy Ribeiro faz suas as conclusões de seu mestre Cândido Rondon: “O que cumpre fazer em essência é assegurar aquele mínimo indispensável a cada povo indígena, que é o direito de ser índio, mediante a garantia de um território onde possam viver sossegados, a salvo dos ataques, e reconstituir sua vida e seus costumes, salvaguardando o direito à diferença”.⁸

⁸ Darcy Ribeiro, *O Povo Brasileiro* p. 147.

2. A matriz africana

A terceira matriz étnica que constitui o povo brasileiro é a africana. Os negros do Brasil foram trazidos principalmente da costa ocidental africana pertencentes a três grandes grupos culturais. O primeiro das culturas sudanesas, grupos Nagô, e outros menores da Gâmbia, da Serra Leoa, Costa da Malagueta e Costa do Marfim. O segundo grupo foram culturas africanas islamizadas do norte da Nigéria. E o terceiro grupo cultural africano era integrado por tribos Bantu provenientes da hoje Angola e do atual Moçambique.

Os africanos já encontraram no Brasil uma etnia luso-tupi. Aqui tiveram que reaprender a viver, plantando e cozinhando os alimentos da terra, chamando as coisas e os espíritos de seu povo pelos nomes tupis incorporados ao português. Sua presença era mais passiva, pois estavam afastados de seu habitat natural. Quase tudo o que aqui se produziu saiu de suas mãos. Por provirem de grupos étnicos diferentes, estratégia intencional do dominador, a uniformidade racial não correspondia a uma unidade lingüística cultural que oportunizasse uma unificação entre eles o que contribuiu para a dominação. Foram dispersos e compelidos a incorporar-se, passivamente no universo cultural da nova sociedade, aprendendo o português por meio dos gritos dos capatazes. Acabaram colaborando no aportuguesamento do Brasil e a influir de inúmeras maneiras nas áreas culturais, especialmente no Nordeste e zonas de mineração do centro do país.

Eram obrigados a produzir o que não consumiam e a substituir sua cultura original. Com um grande esforço, todavia, o negro foi reconstituindo suas virtualidades de ser cultural pela convivência com africanos de diferentes procedências e com a gente da terra. Vai se integrando à nova cultura, exercendo, por sua força de trabalho, um papel decisivo na formação da sociedade local. Foi o grande agente de europeização que difundiu a língua do colonizador e que ensinaria aos escravos recém-chegados as técnicas do trabalho, as normas e valores próprios da subcultura que por fim haviam incorporado. Mas também foi impregnando seu contexto com o pouco que puderam preservar da herança cultural africana; mais na forma ideológica já que lhes era proibido manifestá-la abertamente. Suas crenças religiosas, suas práticas mágicas suas reminiscências rítmicas e musicais, foi que lhes emprestaram consolo diante do destino que lhe impuseram.

Essa herança africana, associada às crenças indígenas, emprestou à cultura brasileira uma singular fisionomia cultural manifestada em todos os setores da vida nacional. Por mais que o poder forçasse um modelo ideal de europeidade, jamais o Brasil alcançou nem mesmo se aproximou dele, dada a sua constituição.

O ser visível do Brasil era o de uma comunidade cativa que não podia existir para si, dirigida por vontades e motivações externas. Subjugada por outros que a serviço do lucro e do poder a degradavam moralmente e a desgastavam fisicamente, usando seus homens como bestas de cargas e as mulheres como fêmeas animais.

Assim o Brasil foi se construindo, resultando em uma sociedade totalmente nova, fundada mediante a apropriação de seres humanos por meio da violência mais crua, debaixo de castigos os mais atrozes. Uma estrutura desumanizadora sob a qual qualquer povo é desapropriado de si. Deixando de ser ele próprio, primeiro, passa a ser ninguém a se ver reduzido à condição de um animal de carga. Mas para que possa ser outro, acaba transfigurando-se eticamente na linha consentida por seus senhores.

O surpreendente é que índios e negros mesmo nesse “engenho deculturativo”⁹ conseguem permanecer humanos. Todos eles viviam como carcereiros, animados pelo alento da possibilidade de fuga, guardando, secretamente, no mais fundo de seu ser os fundamentos de seus valores originais.

Darcy Ribeiro narra a trajetória dos escravos desde o arrebatamento de sua terra, a viagem, a chegada, a vida rotineira de um negro no Brasil. Conclui, afirmando que nenhum povo que passasse por isso como rotina de vida, através de séculos sairia dela sem ficar marcado para sempre. Afirma de forma comovedora:

“Todos nós brasileiros somos, por igual, a mão possessa que os supliciou. A doçura mais terna e a crueldade mais atroz aqui se conjugaram para fazer de nós a gente sentida e sofrida que somos e a gente insensível e brutal, que também somos. Descendentes de escravos e de senhores de escravos seremos sempre servos da malignidade destilada e instalada em nós, tanto

⁹ Expressão utilizada por Darcy Ribeiro para denominar a situação a que eram submetidos os escravos no Brasil

pelo sentimento da dor intencionalmente produzida para doer mais, quanto pelo exercício da brutalidade sobre homens, sobre mulheres, sobre crianças convertidas em pasto de nossa fúria”¹⁰.

Por volta do ano de 1700, a população negra no Brasil teria atingido em torno de cento e cinquenta mil pessoas. Foram concentradas principalmente nos engenhos de açúcar e nas zonas de mineração e, mais tarde, no extremo sul do Brasil nas regiões de pastoreio. Muitos deles conseguiam fugir e refugiar-se em quilombos para além das fronteiras da civilização, onde, de forma comunitária, buscavam reviver seus valores. Esse fenômeno ocorreu por todo o território brasileiro. Atualmente, como resultado do movimento sobre o resgate da cultura negra no país, esses lugares estão sendo mapeados para serem devolvidos aos descendentes desses escravos.

Com o esgotamento das jazidas de ouro, veio à diáspora. A enorme população de negros, mulatos e mestiços se dispersou, implantando um modo de viver, de comer, de vestir, de calar, de entristecer e até de se suicidar que até hoje faz da região das Minas um lugar único no Brasil.

Finalmente, com a extinção da escravatura no Brasil o que contribuiu para a queda do regime imperial, essa enorme massa de seres humanos foi abandonada à sua sorte, vindo a formar a periferia de nossas grandes cidades, lutando bravamente para sobreviver.

3. Formação do povo brasileiro

Por longo tempo, a população básica dos núcleos coloniais neobrasileiros exibiu uma aparência mais indígena que negra ou européia, inclusive no idioma, um misto de tupi e português que ficou conhecida como “nheengatu”. A substituição da língua geral pela portuguesa só se completou no século XVIII. Em algumas regiões amazônicas, até o século XX falava-se o “nheengatu”. Já no sul do Brasil, a presença das nações Guarani deu uma nova configuração étnica que permanece até nossos dias expressa especialmente na denominação de localidades.

No conjunto da população colonial, destacam-se três camadas sociais distintas: a superior, desligada das tarefas produtivas, formada pelos setores ditos letrados e a burocracia comandada por Lisboa, que exercia as funções de governo civil e militar; a religiosa que exercia o controle

¹⁰ Ribeiro, Darcy, *Povo Brasileiro* p.120.

ideológico da população sob a regência de Roma; e a última, representada por agentes de casas financeiras e armadores portuários.

É provável, segundo nosso autor, que o “brasileiro” tenha começado a surgir e a reconhecer-se a si próprio mais pela estranheza que provocava ao lusitano, e pelo desejo de marcar sua diferença e superioridade ante os povos indígenas.

Mesmo os “mazombos”¹¹ ocupavam uma posição inferior em relação aos que vinham da metrópole e se vexavam de sua condição de filhos da terra. Provavelmente o primeiro brasileiro consciente de si, tenha sido o mameluco, o brasilíndio, mestiço na carne e no espírito, que, não podendo identificar-se com os ancestrais americanos, que ele desprezava, nem com os europeus que o desprezavam, via-se condenado à pretensão de ser o que ainda não era nem existia, brasileiro.

A aquisição de uma identidade é um processo diversificado, longo e dramático. Nenhum índio criado nas aldeias virou brasileiro. Já o filho da índia, gerado por um estranho, branco ou preto, se perguntaria quem era, se já não era índio, tampouco branco ou negro. Buscando uma identidade grupal reconhecível para deixar de ser ninguém, ele foi gerando sua própria identificação. Caso similar ocorre com os filhos do africano, nascidos em terra nova, racialmente puros ou mestiçados, não são mais africanos, nem brancos, nem índios; essa carência os desafiava a sair de sua situação de ser ninguém e construir uma identidade. Assim nasce o brasileiro.

A identidade étnica brasileira surgiu dessa carência essencial da não-identidade da qual sofriam os não-índios, não-europeus e não-negros que, embora filhos da terra, não cabiam nas entidades étnicas aqui constituídas, repelidos por elas como estranhos, vivendo à procura do seu ser. Sabendo-se outro, tem dentro de sua consciência fazer-se de novo, acercando-se de seus similares para compor com eles um nós.

¹¹ Filhos de portugueses nascidos no Brasil.

E assim, mediante essas oposições e o esforço de elaboração de sua própria imagem e consciência como referentes a uma entidade étnica-cultural nova, forma-se pouco a pouco, a brasilidade.

Darcy Ribeiro crê que o espírito de brasilidade começou a sedimentar-se no momento em que a sociedade local se enriqueceu com a contribuição dos descendentes dos contingentes humanos africanos. Esses “mulatos” também, ou eram brasileiros ou não eram nada. Eles, junto com os mamelucos, formavam a maioria da população que passou a ser vista e tida como a gente do Brasil. Povo que fundiu seu patrimônio cultural, integrando a sabedoria Tupi na natureza tropical, nas técnicas do cultivo ligado às estações climáticas, à fabricação de utensílios de cerâmica, às tranças, às esteiras, aos cestos e redes para dormir. Aprenderam também a construir casas mais simples ajustadas ao clima; a fabricar canoas, enfim, a atuar produtivamente e de forma diversa da européia e da africana para adaptar-se à vida nos trópicos.

A protocélula cultural, plasmada nos primeiros anos, quando o elemento africano ainda estava ausente foi a base que operou no modo de vida popular dos futuros brasileiros de todas as regiões. Sobre esse suporte é que acumulariam mais tarde as heranças tecnológicas européias que modernizaram a sociedade que nascia, permitindo integrá-la com os povos de seu tempo.

Desse modo, o Brasil é a realização última e penosa da gente Tupi que havia chegado à costa atlântica um ou dois séculos antes dos portugueses e que, desfeitas e transfiguradas, vieram a dar no que somos: latinos de além-mar, amorenados na fusão com brancos e com negros, desculturados de suas matrizes ancestrais, mas carregando características delas que nos ajudam a diferenciar-nos dos lusitanos.

No Brasil, fala-se uma nova etnia, de um povo consciente de si, orgulhoso de seu próprio ser, contudo quando milhões de pessoas passam a se ver não como oriundos dos índios, nem dos africanos e muito menos de portugueses, pois isso remete às rejeições que sofreram. Darcy Ribeiro nos diz: “Uma representação coletiva dessa identificação tem que existir fora dos

indivíduos, para que eles com ela se identifiquem e a assumam tão plausivamente, que os mais os aceitem numa mesma qualidade co-participada”.¹²

Somos brasileiros na medida em que características físicas são referências secundárias, pois o relevante é que uns e outros são brasileiros, qualidade geral que transcende suas peculiaridades. Só por este caminho todos chegam a ser uma gente só, que se reconhece como igual em coisas tão substanciais que anula suas diferenças e os opõe a todas as outras gentes. Cada um inclui sua pertença a certa identidade coletiva, a brasileira.

No entanto, embora todos sejam irmanados na brasilidade, a estrutura dominante do poder e da discriminação social existe. O jogo do poder da sociedade classista divide os brasileiros no acesso ao usufruto das riquezas que nosso país produz, limitando as condições ideais de vida para milhões de pessoas.

4. Classes e poder

Segundo Darcy Ribeiro, o povo brasileiro está distribuído em quatro classes, a saber: classe dominante, setores intermediários, classes subalternas e classes oprimidas. Na classe dominante dois poderes disputam a liderança e ao mesmo tempo se complementam. São a cúpula do empresariado cujo poder vem da posse do capital, e outros cujo mando decorre do desempenho de cargos. Aqui figuram o alto escalão militar, os legisladores, os líderes religiosos, os líderes sindicais, entre outros. Nosso autor afirma que, na maioria, o brasileiro que enriquece aspira a ser patrão para usufruir as glórias de um mandato que lhe dê, além da riqueza, o poder de determinar o destino alheio. Nos últimos anos, surgiu um corpo estranho nessa cúpula, que é o corpo gerencial de empresas estrangeiras. Empresas que empregam os tecnocratas mais competentes, controlam a mídia, conformando a opinião pública. Abaixo vem a classe intermediária que é constituída por profissionais liberais, intelectuais, policiais, o baixo-clero, etc. Aqui se verificam antagonismos, pois enquanto a maioria está disposta a prestar homenagens às classes dominantes, procurando tirar disso alguma vantagem, é também nesta classe que surgem movimentos de rebeldia e de tomada de consciência para as mudanças. Segue-se a classe subalterna, formada por uma aristocracia operária, que tem empregos estáveis, sobretudo os

¹² Ribeiro, Darcy. *O Povo Brasileiro*, p. 133.

trabalhadores especializados e por outro grupo formado por pequenos proprietários, arrendatários, gerentes, entre outros. É composta por pessoas integradas regularmente na vida social, no sistema produtivo e no corpo de consumidores geralmente são sindicalizados. Abaixo de todas as classes sociais brasileiras, fica a grande massa da classe de oprimidos dos chamados marginais, principalmente negros e mulatos, moradores de favelas e periferia de cidades. São os engraxates, os empregados de limpeza, as empregadas domésticas, ambulantes. Muitos ainda analfabetos ou com baixa escolaridade, o que dificulta a se organizarem para reivindicar. Lutam por ingressar no sistema de produção e pelo acesso ao mercado. O comando natural cabe às classes dominantes, mas o setor mais dinâmico são as classes subalternas e representantes da classe intermediária. Por causa da diversidade das regiões brasileiras, o traslado de uma região para outra pode representar uma alteração no estrato social, fator que provoca uma migração interna intensa e permanente dentro do território do Brasil.

A distancia social mais terrível no Brasil é a que separa e opõe os pobres dos ricos. A ela soma-se a discriminação que pesa sobre os negros, mulatos e, em alguma medida, sobre os índios, embora estes vivam à parte, não participando, na prática, da dinâmica da estrutura nacional, com raras exceções. Embora a Carta Magna não faça alusão à diferença étnica, no dia a dia, veladamente, existe discriminação racial. O afro-brasileiro ainda luta em muitos setores para conquistar um lugar e um papel de participante legítimo na sociedade nacional. Sociedade que ele ajudou a construir e que com retalhos de tradições e valores de seu povo coloriu imprimindo alegria, ritmo e sabor à cultura brasileira. Tudo isso ao preço da perda da identidade de seus ancestrais, mas que ao final renasceu transformada como cultura brasileira, na qual se integrou.

Entretanto, nos dias atuais uma mudança de atitude começa a vicejar. Os brasileiros despertam para um orgulho de sua origem multirracial, e os negros, de sua ancestralidade. Tal situação tende a que, se as tensões sociais de origem racial se atenuem, e se possa desfrutar de uma participação igualitária e solidária na sociedade nacional brasileira.

5. Outros fatores integrados ao ser do Brasil

Merece referência, quando falamos sobre a formação e o sentido do Brasil, sobre os imigrantes. A partir da metade do século XIX, grandes contingentes de povos imigrantes vieram

para o Brasil. Um dos objetivos era o “branqueamento” da população. No entanto, quando isso ocorreu, a população nacional já era tão maciça numericamente e tão definida do ponto de vista étnico que absorveu, cultural e racialmente as características do imigrante sem alterar o seu conjunto, ao contrário do que aconteceu com os países do Prata.

O maior número de imigrantes foi de portugueses que vieram se juntar aos povoadores do primeiro século. Seguem-se os italianos, os espanhóis, os alemães, os japoneses e outros contingentes menores de eslavos. Esses imigrantes se instalaram na região sul do Brasil, criando paisagens caracteristicamente européias e populações predominantemente brancas. No entanto, nenhuma dessas regiões se autodefiniu como centro de lealdades étnicas extranacionais. O conjunto populacional é essencialmente uno como etnia nacional, não deixando lugar para tensões em torno de unidades regionais, raciais ou culturais opostas. Uma mesma cultura a todos engloba, e uma autodefinição nacional bem brasileira a todos une.

O brasileiro é muito arraigado. Um momento em que isso se manifesta é nas competições desportivas, especialmente o futebol, quando todos os brasileiros torcem com um sentimento tão profundo como se se tratasse de guerra de nosso povo contra todos os povos do mundo. As vitórias são festejadas em cada família, e as derrotas sofridas como vergonhas pessoais.

Darcy Ribeiro declara: “Pude sentir, no exílio, como é difícil para um brasileiro viver fora do Brasil. Nosso país tem tanta seiva de singularidade que torna extremamente difícil aceitar e desfrutar do convívio com outros povos”.¹³

6. Concluindo

Concluimos, fazendo nossas as concepções de Darcy Ribeiro de que nascemos como uma feitoria escravagista, habitada por povos nativos e negros africanos, forçados a viver uma vida que não era a sua, mas que à medida que foram negados em sua identidade tiveram que construir outra para sobreviver como humanos. Uma multidão que perdera quase totalmente sua expressão, seu rosto, composta de ex-índios, porque desíndianizados, e, sobretudo mestiços; mulheres índias

¹³ Darcy Ribeiro, *O Povo Brasileiro*. p. 243.

e negras que, violentadas pelo invasor, geravam um novo tipo humano que foi se fundindo, se multiplicando e plasmando a etnia brasileira, promovendo ao mesmo tempo, sua integração, na forma de um Estado-Nação.

À época da vinda de contingentes de imigrantes europeus e japoneses, já estava sedimentada a nova etnia, o que possibilitou que esses povos assimilassem a condição de brasileiros. Ao contrário de outros países que guardam dentro de seu corpo contingentes populacionais opostos à identificação com o macroétnico nacional, no Brasil, isso não ocorreu. Não há grupos étnicos esquivos e separatistas dispostos a organizarem-se em guetos.

Na verdade, segundo Darcy Ribeiro, o que separa os brasileiros é a estratificação de classes. A sociedade é ordenada contra os interesses da população, orientada para servir a desejos alheios e opostos aos seus. O que continua existindo é uma grande massa de trabalhadores explorados por uma minoria dominante que está sempre pronta a defender seus interesses. Somos ainda um povo em “fazimento”, reinventando constantemente o humano, criando um gênero novo de gentes, já que aqui a mestiçagem jamais foi crime ou pecado. Nela fomos feitos e continuamos nos fazendo.

É interessante notar que, apesar de feitos pela fusão de matrizes tão diferenciadas, os brasileiros são hoje, um dos povos mais homogêneos lingüística e culturalmente e, um dos mais integrados socialmente. No entanto, precisamos ter presente que, dentro do mesmo território, coexistem povos originários que constituem suas próprias nações, resistindo, heroicamente, ao poder que se instalou nas terras hoje brasileiras e reconhecidas como pertencentes ao povo que aqui se formou e que as domina.

O pensamento e o testemunho de vida de Darcy Ribeiro nos oferecem elementos valiosos para um trabalho com vistas à adoção de uma perspectiva intercultural no relacionamento entre os vários campos institucionais da sociedade brasileira, na medida em que investiga, profundamente, a distinção dos povos que constituem o seu povo, numa abordagem respeitosa com relação às peculiaridades de cada um.

O ideal sonhado por Darcy Ribeiro era o de, mantendo as particularidades de cada povo, nos unificarmos com todos os latino-americanos, diante de nossa oposição comum aos mesmos antagonismos, para fundarmos a Nação Latina Americana, a “Pátria Grande”. Mas isso já é assunto para outra reflexão.

Referências bibliográficas

RIBEIRO, Darcy. *América Latina: a Pátria Grande*. Rio de Janeiro-Guanabara: 1986.

_____. *O Povo Brasileiro*. 2 ed., São Paulo: Companhia das Letras. 2004.

_____. *Os Índios e a Civilização*. São Paulo: Companhia das Letras. 1996.